Reflexão
Teológica e Missiológica

Vol. 1, No. 2 Agosto 2024
ISSN 2965-5234 (on-line)

betel brasileiro CETEMIBB
Centro de Educação Teológica e Missiológica

CENTRO DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA BETEL BRASILEIRO

Diretora – Durvalina Barreto Bezerra

A Revista Reflexão Teológica é uma publicação do Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro. Os pontos de vista expressos nos artigos refletem o juízo dos autores, não representando necessariamente a posição da instituição. Os direitos de publicação desta revista são do Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro.

Endereços

Rua Raul de Souza Costa, 790 Alto do Mateus, João Pessoa (PB).
Telefone (83) 9 9342.1913
Site:cetemibb.com
E-mail: contatocetemibb@gmail.com

Rua São Bento, 545, Primeira Sobreloja, Centro, São Paulo (SP)
Telefone (11) 95783-5788
Site: betelbrasileirosp.com.br
E-mail: secretariabetelsp@gmail.com

Endereço Eletrônico: https://cetemibb.com/reflexao-teologica-missiologica/

Reflexão Teológica – Estudos e pesquisas em Teologia e Missões v.1, n°2 do novo formato – revista eletrônica (2024)

Semestral

ISSN 2965-5234 (Online)

1. Teologia 2. Espiritualidade 3. Missões

Editor chefe

Gedimar dos Santos Maia Junior

Editor de resenhas

Karoline Evangelista da Silva Paz

Conselho editorial

Joerley Orlando de Oliveira Cruz

Paula Coatti Ferreira

Paulo César Nunes do Nascimento

Daniel Motta Mendonça

Capa

Tamires Barbosa Seabra Maia

APRESENTAÇÃO

O Centro de Educação Teológica e Missiológica Betel Brasileiro lança a REVISTA REFLEXÃO TEOLÓGICA – Estudos e Pesquisas em Teologia e Missões de forma eletrônica. Assim, damos continuidade aos números anteriores que foram lançados de forma impressa.

O objetivo da Revista é oferecer à comunidade evangélica, principalmente aos estudantes e professores de seminários e escolas teológicas, artigos e estudos que contribuam para a reflexão e aprofundamento de temas do saber teológico e missiológico.

Ao longo dos anos, monografias, dissertações e teses têm sido produzidas em nossos Seminários e não queremos deixá-los apenas nas prateleiras das nossas bibliotecas, são conteúdos riquíssimos que precisam ser divulgados com vistas à edificação da igreja e à fomentação de pesquisas nas áreas teológica e missiológica. Por esse motivo, a equipe editorial da Revista dedica-se a selecionar e oferecer, a cada edição, uma nova gama de conhecimentos ao público que se interessa nos assuntos aqui elaborados e também está aberta a receber conteúdos de nossos ex-alunos e de teólogos e missiólogos que, embora não façam parte da comunidade betelina, comungam com a proposta das produções da Revista.

Temos o compromisso de manter nossos princípios e valores, e zelar por uma teologia bíblica e comprometida com a missão da igreja.

Agradecemos ao Prof. Me. Gedimar dos Santos M. Junior, editor-chefe, e a cada membro da equipe, que, de forma voluntária, se empenhou na conquista desse ideal do Betel Brasileiro.

Ao sublime Mestre Jesus, a glória e a honra!

Dra. Durvalina Barreto Bezerra

EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos ao leitor a primeira unidade do segundo volume da revista Reflexão Teológica e Missiológica (RTM) no seu formato eletrônico. Nesta edição serão oferecidos três artigos e quatro resenhas de obras que versam sobre temas relacionados à educação cristã, história do pensamento cristão e prática missional. As produções são fruto do trabalho de professores, alunos e parceiros convidados.

Nesta edição, o primeiro artigo escrito por Me. Daniel Mota Mendonça, "*Missiologia do cansaço*", destaca como a hiperconectividade, a pressão pela produtividade e as exigências de alto desempenho impactam os missionários, levando-os ao esgotamento físico e emocional. O segundo artigo escrito por Me. Emanuel Malinoski da Silva, "*O Mito da neutralidade pedagógica: uma perspectiva cristã*", demonstra por meio da perspectiva reformada como a neutralidade pedagógica é inconsistente em si mesma e como a visão cristã responde a essa cosmovisão atual. O terceiro artigo escrito por Me. Yann da Silveira Vieira Lessa, "*Crer para compreender, compreender para crer*", buscará responder por meio do pensamento de santo Agostinho a seguinte pergunta: Como a razão e a fé se relacionam?

A seção de resenhas traz avaliações de quatro obras importantes para o contexto atual da igreja. O primeiro texto escrito por Dr. Sérgio Cesar Prates de Almeida é uma resenha da obra *Uma história da obra da redenção* de Jonathan Edwards. O segundo texto escrito por Me. Guilherme Alves da Silva é uma resenha da obra *Pregando toda a Bíblia como escritura cristã* de Graeme Goldsworthy. A terceira obra escrito por Me. Gabriel Leoncio Corrêa é uma resenha da obra *Santidade* de John Webster. Por fim, a última obra escrita por Me. Karoline Evangelista Paz é uma resenha do livro *Casados para Deus* de Christopher Ash.

Avançando com o compromisso da revista em fomentar reflexões a respeito da missão, da vida espiritual e da teologia, entregamos aos leitores este segundo volume da revista Reflexão Teológica e missiológica para a glória de Deus e para edificação da sua igreja.

Gedimar dos Santos Maia Junior
Editor Chefe

SUMÁRIO

ARTIGO

Missiologia do cansaço..... 09

Me. Daniel Mota Mendonça

O Mito da neutralidade pedagógica: uma perspectiva cristã..... 17

Me. Emanuel Malinoski da Silva

Crer para compreender, compreender para crer..... 26

Me. Yann da Silveira Vieira Lessa

RESENHA

Uma história da obra da redenção (Jonathan Edwards))..... 34

Dr. Sérgio Cesar Prates de Almeida

Pregando toda a Bíblia como escritura cristã (Graeme Goldsworthy)..... 36

Me. Guilherme Alves da Silva

Santidade (John Webster)..... 38

Me. Gabriel Leoncio Corrêa

Casados para Deus (Christopher Ash)..... 43

Me. Karoline Evangelista Paz

betel brasileiro CETEMIBB | Centro de Educação Teológica e Missiologica

REFLEXÃO TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA
2024, VOL 1, N° 2, 9-16
ISSN 2965-5234

Missiologia do cansaço

Me. Daniel Mota Mendonça[1]

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o tema "Missiologia do Cansaço" a partir das ideias de Byung-Chul Han, especificamente com base em sua obra A Sociedade do Cansaço. A análise destaca como a hiperconectividade, a pressão pela produtividade e as exigências de alto desempenho impactam os missionários, levando ao esgotamento físico e emocional, semelhante ao que ocorre em outros contextos profissionais intensos. É examinado como a positividade extrema e a cultura de desempenho impõem pressões aos missionários para mostrar resultados, o que tem gerado níveis elevados de estresse e uma preocupante incidência de problemas de saúde mental. A texto cita dados relevantes sobre transtornos mentais entre líderes religiosos e missionários, além de propor práticas contemplativas e de cuidado mútuo como alternativas para mitigar o cansaço. A partir do Salmo 88 e das experiências de figuras bíblicas, o texto enfatiza a importância de um ambiente seguro para expressão emocional, resiliência e práticas espirituais que promovam o bem-estar integral do missionário.

PALAVRAS-CHAVES

Missiologia do cansaço; Saúde mental; Esgotamento.

Quando estudei filosofia, conheci um autor extraordinário, Byung-Chul Han, um filósofo sul-coreano renomado por suas obras críticas sobre a sociedade contemporânea e a cultura digital. Nascido em Seul, Coreia do Sul, em 1959, Han mudou-se para a Alemanha, onde construiu sua carreira acadêmica e literária. Graduado em Filosofia, Teologia e Literatura Alemã pela Universidade de Freiburg, na Alemanha, também obteve seu doutorado na mesma instituição. Durante sua carreira, ocupou diversas posições acadêmicas destacadas e lecionadas em instituições ao redor do mundo.

Byung-Chul Han é autor de inúmeras obras, sendo "A Sociedade do Cansaço" (publicado no ano de 2012) uma das mais proeminentes. Neste livro, ele explora a cultura contemporânea, ressaltando os desafios do excesso de positividade, produtividade, o impacto das redes sociais e a hiperconectividade na sociedade. A partir dessa leitura, pretendo estabelecer paralelos com o que denomino "Missiologia do Cansaço". "A Sociedade do Cansaço", de Byung-Chul Han, desafia a visão tradicional da sociedade como um espaço de restrições e proibições. O autor argumenta que a sociedade contemporânea é caracterizada por um excesso de liberdade e positividade, que tem um preço: o cansaço. Nessa sociedade, as pessoas estão sob pressão constante para serem bem-sucedidas, felizes e produtivas. A ênfase na positividade gera uma dinâmica na qual as pessoas se

[1] Daniel Mota, Mestre em Filosofia com Ênfase em Ética e Filosofia Política (UFPB), Bacharel em Direito e Teologia, e Licenciado em Filosofia.

sentem compelidas a melhorar-se continuamente, o que leva ao esgotamento e à queda da resistência mental.

Essa cultura de positividade encontra eco no ambiente missionário. Igrejas, agências e irmãos na fé frequentemente impõem expectativas de alto desempenho aos missionários, que se veem pressionados a produzir resultados. Quanto mais produzirem, mais são valorizados por suas comunidades/igrejas e agências. Essa cultura, ao longo de décadas, está causando combustão mental.

1. A toxidade da missão

Durante algumas orientações de trabalhos de conclusão de curso, deparei-me com um aluno cujo tema chamou minha atenção: o nível de estresse no trabalho missionário. Ao ler seu trabalho, percebi que ele estava, na verdade, narrando uma espécie de autobiografia, pois ele já possuía mais de dez anos de experiência como missionário na África e estava, de fato, sofrendo de um estresse intenso. Isso me levou a refletir sobre o fato de que muitos missionários enfrentam estresses e sofrimentos semelhantes.

O estresse é uma constante na vida humana, manifestando-se em todas as idades e fases. Segundo o DSM-5[2], o estresse envolve respostas específicas a eventos que perturbam o equilíbrio e sobrecarregam a capacidade de enfrentamento de um indivíduo. Esse manual define um estressor como qualquer fator emocional, físico, social, econômico ou de outra natureza que desestabilize o bem-estar fisiológico, cognitivo, emocional ou comportamental de uma pessoa.

Cada pessoa lida com estressores de maneira única, influenciada por suas experiências de infância, estabilidade emocional, autoestima e saúde física (LOSS, 2005). O estresse excessivo pode levar a problemas interpessoais, fobias, ansiedade, neurose e outros transtornos mentais. No ambiente de trabalho, estressores podem resultar na Síndrome de Burnout, caracterizada por esgotamento, distanciamento mental do trabalho e redução da eficácia profissional.

Lembro-me de quando conheci um psicólogo da minha agência que prestava assistência aos missionários. Na época, ele estava fazendo doutorado em psiquiatria, e sua tese tinha como tema: "A prevalência de sintomas de transtornos psiquiátricos em missionários evangélicos/protestantes transculturais brasileiros"[3]. Ele argumentava que o estresse, além de afetar

[2] DSM 5 é a sigla para *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* ou *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Esse documento foi criado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) para padronizar os critérios diagnósticos das desordens que afetam a mente e as emoções. O número 5 se refere à quinta edição do manual, que passa por revisões e atualizações diante dos avanços científicos sobre os transtornos mentais.

[3] https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-13012020-100116/pt-br.php

especialmente profissionais que enfrentam situações de tensão emocional contínua, impacta sobremaneira os líderes religiosos e missionários (MORILHA, 2019).

Pesquisas indicam que líderes religiosos estão em risco de desenvolver transtornos mentais. O DSM-5 (2014, p. 20) define um transtorno mental como uma síndrome que causa perturbações significativas na cognição, na regulação emocional ou no comportamento, refletindo disfunções nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento.

2. Estatísticas alarmantes: Um alerta sobre o perigo do estresse e transtornos mentais

No Brasil, uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde[4] no final de 2020 detectou ansiedade em 86,5% dos indivíduos pesquisados, transtorno de estresse pós-traumático em 45,5% e depressão grave em 16% dos participantes do estudo. Durante a pandemia, os casos de ansiedade dobraram entre as mulheres em vários estados, com um aumento de 38% no uso de medicamentos tarjados e 29% no uso de medicamentos naturais[5]. Outra pesquisa da UERJ revelou[6] que os casos de depressão dobraram entre os entrevistados, enquanto os de ansiedade e estresse aumentaram 80% no mesmo período. A UFGRS apontou[7] que 68% da população apresentou sintomas depressivos e 80% dos brasileiros se tornaram mais ansiosos durante a pandemia.

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)[8] destaca que a depressão é um transtorno mental comum e uma das principais causas de incapacidade globalmente, afetando cerca de 300 milhões de pessoas. Mulheres são mais afetadas que homens. De acordo com uma pesquisa do instituto Ipsos[9], encomendada pelo Fórum Econômico Mundial e cedida à BBC News Brasil, 53% dos brasileiros relataram que seu bem-estar mental piorou no último ano, uma porcentagem superada apenas em países como Itália (54%), Hungria (56%), Chile (56%) e Turquia (61%).

Dados do Instituto Schaeffer[10] indicam que 70% dos pastores lutam constantemente contra a depressão, 71% se dizem esgotados, 80% acreditam que o ministério pastoral afetou negativamente suas famílias e 70% dizem não ter um amigo próximo. A causa mais comum para o

[4]https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/01/05/campanha-alerta-para-a-importancia-de-se-cuidar-da-saude-mental-em-meio-a-pandemia

[5]https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/12/06/pesquisa-pandemia-dobra-casos-de-ansiedade-em-mulheres-em-varios-estados.htm

[6] https://www.uerj.br/noticia/11028/

[7] http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/as-sequelas-emocionais-da-pandemia

[8] https://www.paho.org/pt/topicos/depressao

[9]https://www.ipsos.com/pt-br/one-year-covid-19-mais-da-metade-dos-brasileiros-afirma-que-saude-mental-piorou-desde-o-inicio-da

[10] https://sepal.org.br/suicidio-de-pastores-e-lideres-uma-reflexao-necessaria/

suicídio de pastores e líderes é a depressão associada ao esgotamento físico e emocional, traições ministeriais, baixos salários e isolamento social.

3. O perigo da hiperconectividade

As redes sociais exacerbam esse esgotamento, levando os missionários a compartilhar constantemente seus resultados e a transformar seu trabalho em uma espécie de "vlog" da igreja. O filósofo coreano denomina isso de hiperconectividade, uma característica crucial da sociedade do cansaço, potencializada pela revolução digital. A exposição constante às redes sociais e à informação instantânea pode sobrecarregar os indivíduos, resultando em fadiga mental. Muitas vezes, as redes sociais não promovem a comunicação real, mas reforçam a superficialidade e a ansiedade.

No campo missionário, a pressão para demonstrar sucesso é igualmente intensa. Expressões como "avançando o Reino" ou "a glória de Deus está neste lugar" são frequentemente usadas para mascarar a angústia de muitos missionários. Além disso, a sociedade contemporânea tornou-se uma "sociedade do desempenho", onde as pessoas são constantemente pressionadas a se promoverem, semelhante ao mundo corporativo. Essa pressão contínua por visibilidade, sucesso e produtividade leva ao cansaço e ao esgotamento.

Quando morei na África Ocidental, atuando como missionário pela agência de minha denominação, encontrei vários missionários apresentando projetos de outros como se fossem seus, para mostrar às suas igrejas e levantar recursos. Fiquei estarrecido ao presenciar essa cena, mas, por outro lado, reconheço a pressão que algumas instituições impõem a seus missionários na busca por resultados. Infelizmente, essas práticas são uma realidade constante nos ambientes missionários. Publicar projetos que não são seus, divulgar exageradamente a miséria e o sofrimento, e realizar atividades complementares para sustento próprio, muitas vezes divulgadas como 'negócios de missões', são reflexos de um grito por sobrevivência. Por trás das câmeras, likes e compartilhamentos, existe muita angústia, dor, tristeza e solidão, algo que a igreja enviadora muitas vezes desconhece.

4. A pressão demasiada por resultados

A missiologia atual frequentemente se assemelha a esse comportamento. É comum, nos ambientes de algumas agências missionárias e até mesmo igrejas, uma busca incessante por estatísticas de batizados, discipulados e igrejas plantadas. Certa vez, conversando com um missionário que atuava em tradução entre um povo não alcançado, ele compartilhou comigo a

planilha que sua agência havia enviado: "Quantos batizados? Quantos discipulados?" Angustiado, ele me disse: "Daniel, estou apenas aprendendo a grafia da língua, como poderei batizar alguém?" Oramos por aquela situação, e mais tarde descobri que ele deixou a missão, exausto física e mentalmente, aquele missionário tradutor estava com a 'Síndrome de Burnout'.

O missionário que não atinge essas metas muitas vezes se sente um fracasso e, em algumas situações, é dispensado de seu trabalho. Há muita pressão e pouco cuidado.

É crucial direcionar esse comprometimento para o planejamento estratégico das agências e a promoção/criação de projetos para com o 'cuidado mútuo dos missionários'. Caso contrário, isso pode ser um gatilho para o declínio mental. Precisamos criar um ambiente de cuidado e liberdade para que os missionários possam desabafar, sem julgamento, mesmo que critiquem suas próprias instituições.

5. Um ambiente seguro

Byung-Chul Han sugere que a sociedade precisa equilibrar seu foco na positividade e no desempenho. Ele enfatiza a importância da negatividade e da contemplação para a saúde mental e o bem-estar. Da mesma forma, na "missiologia do cansaço", devemos realinhar nosso foco, buscando uma comunhão mais profunda e promovendo o bem-estar mental dos missionários.

A missão é uma tarefa nobre, mas não deve custar a saúde mental daqueles que a realizam. A saúde mental na missão deve ser uma prioridade, e as métricas de sucesso devem ser equilibradas com o cuidado do indivíduo. Assim como Byung-Chul Han argumenta em relação à sociedade contemporânea, a missiologia deve enfatizar a importância da negatividade, da contemplação e da comunhão para preservar a resistência mental dos missionários. Sobre a negatividade, é importante entender que seu projeto ou planejamento pode falhar, você certamente enfrentará o choque cultural, traições pelos nacionais e pela equipe missionária, enfermidades e tormentas. Você vai falhar, e isso faz parte de nossa humanidade. Todavia, devemos ter sempre em mente que o Senhor Jesus estará conosco em todas estas situações, na angústia e no desespero. Não existem males, mas sim bens misteriosos.

Devemos cultivar um ambiente de contemplação e oração. Essas práticas espirituais são de suma importância para o reequilíbrio mental e emocional. Nós, no Ocidente, acostumados às diversas programações e eventos de nossa igreja local, enfrentamos um contexto diferente no campo missionário, onde, dependendo do local, pode não haver sequer uma igreja. Por essa razão, é essencial cultivar práticas espirituais, pois a devoção pessoal será o combustível para o trabalho missionário. Ser menos religioso e mais devoto, sem as estruturas formais da religião, pode ser um caminho possível para uma espiritualidade saudável em ambientes vulneráveis.

Além disso, é fundamental reservar momentos de prazer e diversão, evitando discutir as demandas de trabalho durante esses períodos.

6. Homens de Deus também sofrem

Hemã foi um dos três levitas designados pelo rei Davi como ministros de música. A ele é atribuído o Salmo 88, um salmo escrito em um estado de profundo desespero. Alguns afirmam que este salmo retrata a angústia de alguém que se sente enterrado vivo, pois começa e termina em trevas. Ao analisar este salmo, podemos extrair lições valiosas para nossas vidas.

No verso 1, encontramos a confiança em oração, onde o salmista inicia clamando a Deus como "Deus que me salva", destacando a importância da confiança no Senhor. Além disso, há a ênfase na sinceridade da oração, pois Hemã clama a Deus "dia e noite", revelando a importância da transparência diante de Deus.

No verso 9, percebemos a tristeza diante de Deus, onde Hemã expressa sua aflição ao Senhor, demonstrando que é aceitável levar nossas tristezas ao Pai celestial. Ele também ergue sua oração a Deus diariamente, revelando sua constante comunhão com o Criador, e clama continuamente, demonstrando perseverança e dependência total do Senhor, simbolizada pelo gesto de erguer as mãos a Ele.

Mesmo diante do desespero retratado no verso 13, Hemã não perde a esperança, perseverando em sua oração, clamando "dia e noite". Isso nos ensina a importância da persistência e da fé inabalável, mesmo nos momentos mais sombrios de nossas vidas.

Duas biografias de homens que enfrentaram complicações emocionais chamam minha atenção. Moisés e Elias destacam-se como figuras emblemáticas nas sagradas escrituras. Ambos enfrentaram intensas pressões ao longo de seus ministérios. Contudo, o Deus de Israel demonstrou sua sabedoria pedagógica ao intervir, impedindo que sucumbissem ao desejo de morte que os assolava.

Ao observarmos a vida de Moisés, percebemos que ele vivenciou uma espécie de burnout. Moisés experimentou extremo esgotamento físico, emocional e espiritual, e a resposta de Deus foi a delegação de tarefas, compartilhando a liderança com setenta outros líderes (Números 11:16).

É importante termos em mente que a missão é de Deus, não nossa. Não é necessário um sacrifício vivo, pois Cristo já o fez na cruz. Outro grande exemplo é o apóstolo Paulo, um dos maiores missionários da história, que admitiu suas fraquezas e medos, mostrando que até os mais dedicados servos de Deus enfrentam conflitos internos e externos. A exigência de perfeição e constante disponibilidade pode aumentar o risco de transtornos mentais entre missionários, devido à sobrecarga de trabalho e à falta de reconhecimento.

Devemos ser diligentes, zelosos e prudentes naquilo que o Senhor nos confia, entendendo que Sua vontade é boa, perfeita e agradável.

Considerações finais

A saúde mental e o cuidado integral do missionário são pautas que não podem mais ser adiadas. Devemos ter um olhar intencional para essa realidade.

A Bíblia nos ensina que somos criados à imagem de Deus, o que nos confere grande valor. Jesus nos instrui a amar o próximo como a nós mesmos, destacando a importância de desenvolver amor-próprio e uma autoimagem saudável. Reconhecer nosso valor como criaturas de Deus contribui para uma autoestima saudável, que é a avaliação positiva ou negativa que fazemos de nós mesmos.

No contexto missionário, uma autoimagem equivocada pode ser influenciada pela Igreja, pela Agência e pelo próprio missionário. Nas décadas passadas, havia uma expectativa elevada sobre os missionários, exigindo inteligência, criatividade, valentia e grandes feitos. No entanto, a Bíblia nos lembra que nossa suficiência vem de Deus.

As Escrituras nos ensinam que, mesmo nos momentos mais sombrios enfrentados por figuras como Hemã, Moisés e Elias, entre os apóstolos do Novo Testamento, e muitos pastores e missionários anônimos, há esperança e ajuda disponíveis. A confiança em Jesus Cristo pode trazer luz e esperança, como vemos no exemplo de nossos irmãos do passado. Seja delegando responsabilidades, como Moisés, ou preparando um sucessor, como Elias, Deus oferece respostas para o esgotamento. Lembremo-nos de que Jesus sofreu a morte para nos oferecer uma vida abundante, cheia de esperança e propósito.

Concluindo, a missão é uma tarefa nobre, mas não deve custar a saúde mental dos que a realizam. A saúde mental dos missionários deve ser uma prioridade, e as métricas de sucesso devem ser equilibradas com o cuidado do indivíduo. Assim como Byung-Chul Han (2015) argumenta em relação à sociedade contemporânea, a missiologia deve enfatizar a importância da negatividade, da contemplação e da comunhão para preservar a resistência mental dos missionários. Como Richard Baxter disse: "Como vocês esperam oferecer o pão da vida aos outros se ainda estão famintos?" (1989, p. 51). Portanto, antes de oferecer ao mundo, os missionários precisam se alimentar da Palavra e cuidar de sua saúde mental.

O artigo foi recebido em: 10/06/2024 e aprovado em: 16/09/2024.

Referências bibliográficas

BAXTER, Richard. O pastor aprovado, Ed. Pes. 1989.

HAN, Byung Chul. A sociedade do cansaço, Ed. Vozes. 2015.

LOSS, M. Choque cultural: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. Minas Gerais: Horizontes, 2005.

Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais [recurso eletrônico]: DSM-5. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre :Artmed, 2014.

MORILHA, A. A prevalência de sintomas de transtornos psiquiátricos em missionários evangélicos/protestantes transcultutais brasileiros. 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-13012020-100116/pt-br.php > Acesso em: 27 mai. 2024.

betel brasileiro CETEMIBB | Centro de Educação Teológica e Missiologica

REFLEXÃO TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA
2024, VOL 1, N° 2, 17-25
ISSN 2965-5234

O Mito da neutralidade pedagógica: uma perspectiva cristã reformada

Me. Emanuel Malinoski da Silva[1]

RESUMO

A educação, um pilar essencial da sociedade, sempre esteve envolta em debates sobre a possibilidade de alcançar uma suposta neutralidade pedagógica. No entanto, a verdade incontestável é que a neutralidade pedagógica é um mito inatingível. A influência das crenças, valores e visões de mundo permeia o tecido mesmo da educação mais imparcial, pois a mera seleção de conteúdo e abordagens pedagógicas já reflete escolhas baseadas em valores. A *perspectiva cristã reformada,* enraizada na crença na soberania divina sobre todos os aspectos da existência, revisita uma crítica sagaz a essa quimera da neutralidade pedagógica.

PALAVRAS-CHAVES

Educação. Neutralidade pedagógica, Reformada.

A educação é um dos pilares fundamentais de qualquer sociedade, desempenhando um papel crucial na moldagem de indivíduos e comunidades. No entanto, a questão da neutralidade pedagógica tem sido objeto de debate ao longo das décadas. A ideia por trás desse conceito é que a educação deve ser imparcial e livre de influências religiosas, ideológicas ou culturais, buscando oferecer uma formação neutra, objetiva e equitativa. No entanto, a realidade é que a educação nunca é verdadeiramente neutra, e essa é uma das principais questões abordadas neste artigo.

A *perspectiva cristã reformada* lança luz sobre essa questão, ressaltando que a neutralidade pedagógica é um mito que não pode ser realizado. As opiniões, valores e visões de mundo sempre permeiam o processo educacional, mesmo que não sejam explicitamente declaradas. A perspectiva reformada argumenta que é mais segura a consideração dessas influências e, em vez de buscar uma falsa neutralidade, adota uma abordagem que seja consistente com os princípios e valores cristãos reformados. Portanto, neste artigo, exploraremos como a *perspectiva cristã reformada* contribui para desmistificar o mito da neutralidade pedagógica e oferece uma visão mais transparente e realista da educação e seus fundamentos.

1. Neutralidade pedagógica: um mito desmistificado

A neutralidade pedagógica é a ideia de que a educação deve ser imparcial, livre de qualquer visão ou influência religiosa, ideológica ou cultural. No entanto, é importante considerar que essa neutralidade é um mito. A educação é intrinsecamente moldada pelas crenças e valores dos

[1] MDiv – Seminário Martin Bucer – premanuelmalinoski@gmail.com

educadores, do sistema educacional e da sociedade em que está inserido. O ensino de valores, ética e visão de mundo ocorre de forma consequente, mesmo que não seja explicitamente declarado.

1.1 Uma breve definição da neutralidade pedagógica e sua impossibilidade.

A neutralidade pedagógica, muitas vezes apresentada como um ideal na educação, é uma ideia que sustenta que os educadores devem ser imparciais e neutros em relação às crenças religiosas, valores morais e visões de mundo. No entanto, essa concepção é, na prática, ilusória. Mesmo que os educadores se esforcem para evitar expressar suas próprias opiniões, o ato de selecionar tópicos, currículos e abordagens pedagógicas já implicam uma escolha baseada em valores. Além disso, o contexto social e cultural em que a educação ocorre também influencia diretamente o processo educacional. Assim, a neutralidade pedagógica, como uma educação completamente desprovida de qualquer influência, é uma miragem.

A questão toda, no entanto, reside na realidade inegável de que todo homem, naturalmente, é um ser religioso. Esse pressuposto é assumido dentro da perspectiva reformada, especialmente, quando o olhar do teórico reformado se volta para a Deus como o criador absoluto de todas as coisas. Por Deus ser o Criador assume-se que toda a realidade criada deve ser entendida a partir de seu relacionamento com o Criador. No que diz respeito a humanidade em especial, a primeira pergunta do Breve Catecismo de Westminster diz: "Qual é o fim principal do homem? O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo eternamente". Tendo isso em vista, a perspectiva reformada a respeito do propósito essencial da humanidade é colocada como um dever religioso. Os homens foram feitos para a adoração.

A afirmação que o empreendimento educacional é fundamentalmente religioso pode encontrar críticas que se fundamentam em um problema epistemológico. Filipe Fontes (2017) explica:

> Ninguém encontra resistência por afirmar que a cultura de uma determinada pessoa ou grupo interfere no modo como estes educam. E nem por afirmar o contrário: que a educação é um instrumento de construção da cultura de uma pessoa ou grupo. Eles também afirmam com facilidade que existe uma relação necessária entre educação e política. É senso comum, no ambiente acadêmico atual, não apenas que os diferentes modelos de educação veiculam diferentes ideias políticas, mas também que a educação contribui para a formação da postura política das pessoas. Semelhantemente, esses educadores afirmam, sem grandes dificuldades, que existe uma relação necessária entre educação e economia. Discutem frequentemente o quanto a situação econômica dos indivíduos e, mais especificamente, as circunstâncias advindas desta situação, interferem em seu aprendizado. Ao mesmo tempo, afirmam de maneira convicta que o desenvolvimento econômico é um dos resultados esperados da educação. O curioso é que, apesar de afirmar com tanta facilidade que existe uma relação necessária entre educação e diferentes dimensões da vida humana, como a cultura, a política e a economia, por exemplo, no ambiente acadêmico

> contemporâneo, pouco ou nada se fala sobre a existência de uma relação necessária entre educação e religião.

Essa facilidade com a qual se descarta a relação entre educação e religião é de cunho ideológico "e tem como finalidade última afastar o cristianismo da esfera pública; das discussões que impactam o projeto pedagógico contemporâneo" (FONTES, 2017)

A *perspectiva cristã reformada*, então, oferece uma crítica sólida a essa ideia, argumentando ser impossível educar de maneira neutra. Ela se baseia na verdade de que Deus é soberano sobre todas as esferas da vida, incluindo a educação. Portanto, busca deliberadamente moldar a educação com base em valores cristãos, como amor ao próximo, justiça, verdade e compreensão. Isso não significa que uma *perspectiva cristã reformada* exclua outras visões de mundo, mas traça limites e define que a educação é uma arena onde as influências são inevitáveis e, portanto, defende uma abordagem transparente e comprometida com seus princípios. Portanto, ao desmistificar o mito da neutralidade pedagógica, a *perspectiva cristã reformada* destaca a importância da clareza e integridade na formação educacional.

1.2 Exploração de como opiniões e valores influenciam a educação.

A *perspectiva cristã reformada* reconhece que a fé, moral e cosmovisão cristãs desempenham um papel central na educação. A crença na soberania de Deus sobre todas as áreas da vida e a busca da verdade consoante a Escritura moldam o processo educacional. Isso significa que a neutralidade pedagógica é inalcançável, e, em vez disso, a ênfase está na orientação cristã reformada da educação, com base em valores como amor ao próximo, justiça e verdade.

Gary DeMar (2014), cita o discurso do humanista John Dunphy, demonstrando como valores e crenças, religiosas ou não, influenciam a educação:

> Estou convencida de que a batalha pelo futuro da humanidade deve ser travada e ganha nas salas de aula das escolas públicas por professores que percebam com correção seu papel como propagadores de uma nova fé: uma religião da humanidade que reconheça e respeite a fagulha do que os teólogos chamam divindade em todo ser humano. Esses professores devem encarnar a mesma dedicação altruísta dos pregadores fundamentalistas mais fanáticos, pois serão ministros de outra espécie, usando a sala de aula em vez do púlpito para ensinar valores humanistas em qualquer disciplina, independentemente do nível educacional - seja na pré-escola ou em grandes universidades públicas. a sala de aula deve ser, e se tornará, a arena de conflito entre o velho e o novo - o corpo em decomposição do cristianismo, junto com todos os seus males e misérias adjacentes, e a nova fé do humanismo, resplendente na promessa do mondo onde o ideal cristão jamais alcançado de "amar o próximo" será por fim alcançado.

A proposta de novos valores, de nova religião e de nova moral é intrínseca a perspectiva educacional apresentada por Dunphy. A proposta é de cunho ideológico tanto quanto religioso. DeMar (2014) segue, e faz uma constatação importante aqui:

> Infelizmente, os humanistas jamais adotaram o mito da neutralidade, ao passo que o vendiam a nós por um alto preço. Enquanto vendiam aos cristãos os bens estragados da neutralidade, do jogo limpo, da objetividade, da tolerância e do pluralismo, os humanistas promoviam e implementavam sua cosmovisão em todas as áreas da vida, negando o que, segundo eles, deveríamos crer. Desafortunadamente muitos cristãos ainda acreditam que a neutralidade é possível e que os humanistas buscam a objetividade na educação. Nada poderia estar mais distante da realidade. todos os fatos são fatos interpretados, e os humanistas buscam interpretá-los sem qualquer consideração por Deus e sua Palavra.

Opiniões e valores desempenham um papel fundamental na educação, moldando como as pessoas percebem o mundo e se relacionam com o conhecimento. Em primeiro lugar, as opiniões podem influenciar as escolhas de ensino e aprendizagem. Professores, por exemplo, podem incorporar suas próprias opiniões sobre tópicos relevantes em suas aulas, impactando o conteúdo e o foco do currículo. Da mesma forma, os valores pessoais dos educadores podem afetar o ambiente de sala de aula, promovendo ou inibindo a abertura à diversidade de ideias e perspectivas.

Além disso, os valores também desempenham um papel significativo na formação do caráter e do comportamento dos alunos. A educação não se limita apenas à transmissão de fatos e conhecimentos; ela também molda a ética, a empatia e a compreensão social. Valores como respeito, tolerância e igualdade podem ser ensinados e promovidos nas escolas, impactando a maneira como os alunos interagem com seus pares e com a sociedade em geral. Portanto, as opiniões e valores presentes na educação desempenham um papel crucial na formação de cidadãos conscientes, responsáveis e, primeiramente, virtuosos.

Por fim, as opiniões e valores também influenciam a tomada de decisões políticas relacionadas à educação. As políticas educacionais são frequentemente moldadas pelas opiniões e valores dos legisladores e dos membros da comunidade, refletindo questões como financiamento, currículo e abordagens pedagógicas. Portanto, é importante reconhecer a influência desses elementos na definição das diretrizes educacionais de uma sociedade e considerar como eles afetam a equidade, a qualidade e a acessibilidade da educação para todos os cidadãos.

Tendo isto em vista, as opiniões e valores desempenham um papel essencial na educação, desde como o conhecimento é transmitido e assimilado até a maneira como os alunos desenvolvem seus valores pessoais e ética. Portanto, é fundamental promover uma abordagem profundamente cristã da educação, ao ter em vista a cosmovisão reformada.

2. A *Perspectiva Cristã Reformada* na Educação

Essa abordagem da educação baseia-se na teologia reformada, que enfatiza a soberania de Deus em todas as áreas da vida, incluindo a educação. De acordo com essa perspectiva, o propósito da educação não se limita apenas à transmissão de conhecimento acadêmico, mas também visa à formação do caráter e à promoção de uma cosmovisão bíblica. A educação reformada prioriza a integração da fé com o aprendizado, buscando revelar a verdade de Deus em todas as disciplinas, desde a matemática até a literatura, e encorajando os alunos a discernir a vontade divina em todas as áreas de estudo. Além disso, a educação reformada destaca a importância do serviço e da responsabilidade social, incentivando os alunos a aplicar seus conhecimentos em prol do bem-estar da sociedade e a cumprir o mandato cultural dado por Deus.

Essa perspectiva também valoriza o desenvolvimento de uma comunidade de aprendizado cristã, onde professores e alunos cultivam relacionamentos baseados na fé, na verdade, e na graça, expressando bondade e beleza. O currículo é muitas vezes centrado nas Escrituras Sagradas e na teologia reformada, buscando fortalecer a fé dos estudantes e capacitá-los a enfrentar os desafios do mundo com uma base sólida. Percebe-se então, que a *perspectiva cristã reformada* na educação procura criar um ambiente de aprendizado que não apenas prepara os alunos para uma carreira profissional, mas também os equipa com uma cosmovisão cristã que molda sua maneira de pensar e agir conforme os princípios bíblicos. Dessa forma, a educação visa a formação de homens e mulheres virtuosos.

2.1 Os princípios cristãos reformados na formação educacional.

Os princípios cristãos reformados desempenham um papel central na formação educacional em muitas instituições de ensino confessionalmente reformadas. Uma das pedras angulares dessa abordagem é a ênfase na soberania de Deus em todas as esferas da vida, incluindo a educação. Isso implica que a educação não é apenas sobre adquirir conhecimento, mas também sobre moldar o caráter dos alunos à luz da Palavra de Deus. Os princípios reformados buscam integrar a fé com o aprendizado, promovendo a visão de que toda a verdade pertence a Deus, e, portanto, a educação deve revelar a verdade divina em todas as disciplinas acadêmicas. Nesse ponto, pode-se dizer que a formação educacional na cosmovisão reformada reconhece que "pertence aos cristãos tudo o que os pagãos disseram de bom" (AGOSTINHO, 2002).

Agostinho (2002) segue seu raciocínio dizendo que:

> Os que são chamados filósofos, especialmente os platônicos, quando puderam, por vezes, enunciar teses verdadeiras e compatíveis com a nossa fé, é preciso não somente não serem eles temidos nem evitados, mas antes que reivindiquemos essas verdades para nosso uso, como alguém que retoma seus bens a possuidores

> injustos. De fato, verificamos que os egípcios não apenas possuíam ídolos e impunham pesados cargos a que o povo hebreu devia abominar e fugir, mas tinham também vasos e ornamentos de ouro e prata, assim como quantidade de vestes. ora, o povo hebreu, ao deixar o Egito, apropriou-se sem alarde, dessas riquezas (Ex 3.22), na intenção de dar a elas melhor emprego. E não tratou de fazê-lo por própria autoridade, mas sob a ordem de Deus (Ex 12.35-36). E os egípcios lhe passaram sem contestação esses bens, dos quais faziam mau uso. ora, dá-se o mesmo em relação a todas as doutrinas pagãs. Elas possuem, por certo, ficções mentirosas e supersticiosas, pesada carga de trabalhos supérfluos, que cada um de nós, sob a conduta de Cristo, ao deixar a sociedade dos pagãos, deve rejeitar e evitar com horror. Mas eles possuem, igualmente, artes liberais, bastante apropriadas ao uso da verdade e ainda alguns preceitos morais muito uteis.

Tendo isto em vista, deve-se ter em mente que uma proposta de educação cristã para os filhos da aliança, não visa aliená-los do mundo, antes, visa dar a estes as ferramentas corretas de aprendizagem para poderem, equipados com todo o conselho de Deus, no tempo oportuno, discernir quais dos "despojos egípcios" podem ser assimilados e utilizados em sua formação intelectual, que envolve sempre virtudes.

Além dos aspectos mencionados, os princípios cristãos reformados na formação educacional também realçam a importância da comunidade de aprendizado. Professores e alunos são encorajados a cultivar relacionamentos baseados na fé, .na verdade e na graça, promovendo um ambiente de apoio e crescimento espiritual. Isso cria um senso de unidade e compromisso entre os membros da comunidade educacional reformada, onde a troca de ideias e o compartilhamento de experiências fortalecem o desenvolvimento acadêmico e espiritual dos alunos. A educação reformada não se trata apenas de transmitir informações, mas também de nutrir uma fé robusta, um discernimento ético e a capacidade de enfrentar os desafios do mundo com uma base sólida. Assim, os princípios cristãos reformados na formação educacional promovem um modelo holístico de educação que visa à formação completa dos indivíduos, preparando-os para uma vida de serviço e influência cristã em suas comunidades e carreiras.

2.2 A Paideia de Deus como princípio fundamental da educação cristã reformada.

A Paideia de Deus desempenha um papel fundamental na educação cristã reformada, sendo um princípio essencial que molda a maneira como os reformados entendem e praticam a educação. Este conceito remonta à antiguidade grega, onde a "Paideia" representava a formação integral do indivíduo, incluindo a educação moral, intelectual e espiritual. Na tradição reformada, a Paideia de Deus se refere à crença de que a educação deve estar centrada em Deus e em Sua Palavra, a Bíblia.

O princípio fundamental sobre o qual a educação cristã reformada é edificada, então, sobre aquilo que o apóstolo Paulo chama de "paideia do Senhor" (Ef 6.4). A ideia básica é que o

dever dos pais cristãos é que ele crie seus filhos dentro deste sistema educacional chamado por Paulo de "Paideia". Para se alcançar uma compreensão mais profunda do que isso realmente significava para os ouvintes originais das palavras de Paulo em Éfeso, é útil a definição de Paideia dada por Werner Jaeger (2013):

> Desde a época dos sofistas, todos os líderes da Paideia grega, sobretudo Platão e Isócrates, concordaram em decidir que a Paideia não deveria se limitar ao ensino escolar. Para eles, Paideia era cultura e consistia na formação da alma humana. Isso é o que diferencia a Paideia grega do sistema educacional de outras nações: tratava-se de um ideal absoluto.

Com esse aparato histórico, conclui-se que "o apóstolo exigiu nada menos do que o estabelecimento de uma civilização ou cultura cristã" (WILSON, 2021). O dever educacional dentro do cristianismo reformado visa, em última análise, a formação de cidadãos do Senhor. Por isso, a Bíblia é vista como a fonte primária de sabedoria e conhecimento, e a educação cristã reformada busca equipar os alunos para compreenderem e aplicarem os princípios bíblicos em todas as áreas da vida. Isso implica a integração da fé com o aprendizado, permitindo que os estudantes desenvolvam uma cosmovisão cristã sólida. A Paideia de Deus também enfatiza o desenvolvimento de virtudes cristãs, como amor, compaixão, humildade e justiça, como parte integrante da formação educacional.

Além disso, a educação reformada considera a soberania de Deus sobre todas as coisas, influenciando a abordagem da educação em termos de propósito e destino. Os alunos são ensinados a buscar a glória de Deus em tudo o que fazem e a se dedicarem ao serviço de Deus e ao próximo. Isso implica uma ênfase na responsabilidade e na formação de líderes que possam contribuir para a sociedade de maneira positiva e orientada por princípios cristãos.

Considerações finais

Em resumo, o mito da neutralidade pedagógica na educação é desmistificado à luz da *perspectiva cristã reformada*. A educação é sempre influenciada por crenças e valores, e a neutralidade é inalcançável. *A perspectiva cristã reformada* defende a importância de uma base sólida na fé e na cosmovisão cristã na formação educacional. Reconhecer essa realidade é essencial para um diálogo construtivo sobre a educação na sociedade contemporânea. A *perspectiva cristã reformada*, embora não seja a única, oferece uma abordagem valiosa que enfatiza valores como amor, justiça e verdade na educação, visando a formação de cidadãos do Senhor, em uma sociedade decadente.

Sob a lente da *perspectiva cristã reformada*, a educação se apresenta como um campo de influências inevitáveis, mas reconhecidas. Esta abordagem não nega a coexistência de outras visões

de mundo, mas procura moldar o processo educacional com transparência e dedicação aos princípios cristãos, tais como a virtude do amor ao próximo, a busca implacável pela justiça, a valorização intransigente da verdade e a compreensão enraizada na fé. Assim, *a perspectiva cristã reformada* lança luz sobre a impossibilidade da neutralidade pedagógica e destaca a grande importância da integridade e da clareza na formação educacional.

O artigo foi recebido em: 02/07/2023 e aprovado em: 10/09/2024.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, S. **A Doutrina Cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.

DEMAR, G. **Quem Controla a Escola Governa o Mundo**. 1. ed. Brasília: Monergismo, 2014. Disponível em: DF.

FONTES, F. **Você educa de acordo com o que adora**: Educação tem tudo a ver com religião. 1. ed. São José dos Campos: Fiel, 2017.

JAEGER, W. **PAIDEIA**: A formação do homem grego. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

WILSON, D. **Em Defesa da Educação Cristã Clássica**. 1. ed. São Paulo: Trinitas, 2021.

betel brasileiro CETEMIBB | Centro de Educação Teológica e Missiologica

REFLEXÃO TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA
2024, VOL 1, N° 2, 26-33
ISSN 2965-5234

Crer para compreender, compreender para crer

Me. Yann da Silveira Vieira Lessa[1]

RESUMO

Como razão e fé se relacionam? Estariam elas em constante conflito? Por vezes, teólogos e filósofos se vêem obrigados a escolher um lado, como se precisassem decidir entre o fideísmo e o racionalismo. Agostinho de Hipona consegue demonstrar, com seu brilhantismo característico, que a verdade só pode ser acessada por meio da fé, não havendo lugar para a autonomia da razão. Não obstante, a fé genuína estimula a inteligência para compreender o que se crê. Fé e razão não estão em oposição.

PALAVRAS-CHAVES

Fé e Razão; Autoridade; Racionalismo; Fideísmo.

Este trabalho investigará a relação entre fé e razão em algumas das obras de Aurelius Augustinus (354-430), que ficou conhecido como Agostinho de Hipona por causa da cidade onde foi bispo em grande parte de sua vida. Tanto os filósofos gregos quanto os modernos possuem uma crença em comum: a autonomia da razão. Agostinho, partindo da revelação de Deus, constrói uma antropologia e um entendimento da razão humana que respeita a boa obra de Deus na criação, enquanto ressalta os efeitos noéticos da Queda. Sem fé não há verdadeiro conhecimento, mas a fé genuína irá buscar conhecer.

1. Complementariedade entre Fé e Razão

O brilhantismo de Agostinho pode ser avaliado por seu impacto tanto na teologia cristã quanto na filosofia. Seus argumentos persuasivos e a prolificidade de seus escritos viriam a torná-lo posteriormente a "autoridade suprema do Ocidente latino"[2]. Justamente por tal brilhantismo, o orgulho sempre foi um fator que o afastava dos caminhos de Deus.

1.1 *Autonomia da Razão e o orgulho*

Nas Confissões, ao lembrar seu estado antes da conversão, ele fala sobre sua relação com as Escrituras e com Deus: "Meu orgulho não podia suportar aquela simplicidade de estilo. Por outro lado, a agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para

[1] Mestre (M.Div) no Seminário Martin Bucer. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

[2] Peter Brown, Santo Agostinho: uma biografia, 2ªed. (Rio de Janeiro: Record, 2017), 545.

acompanhar o crescimento dos pequenos, mas eu desdenhava fazer-me pequeno, e, no meu orgulho, sentia-me grande"[3].

Mais a frente ele confessa: "Minha presunção separava-me de ti. Meu rosto, de tão inchado, me fechava os olhos"[4]. Este orgulho era a causa de sua recusa em aceitar a fé de sua mãe Mônica, que nunca parou de instigá-lo a crer e ser batizado. A inteligência de Agostinho já se destacava na universidade de Cartago — aos vinte anos já havia dominado a obra As Dez Categorias de Aristóteles[5], que outros não haviam conseguido. Até sua conversão, em 386, ele teve várias experiências com diferentes crenças e posturas intelectuais; dentre elas o maniqueísmo. Segundo Brown, essa opção pelos ensinos de Mani não surpreende, uma vez que era "uma religião que afirmava descartar toda e qualquer crença que ameaçasse a independência de seu cérebro sumamente ativo"[6].

Mesmo depois de se desiludir com o maniqueísmo e se aprofundar nos ensinos de Plotino, a ideia da autonomia da razão permanece. Os platônicos ofereciam uma visão de Deus que poderia ser alcançada por meio da "ascensão racional e desassistida de sua mente ao campo das ideias"[7]. Após sua conversão, ele irá confrontar tal orgulho da razão com o pressuposto cristão da fé. Como Reale e Antiseri resumem: "Agostinho não podia encontrar em nenhum dos filósofos a verdade do Cristo crucificado para a remissão dos pecados dos homens porque, segundo a doutrina cristã, como já recordamos, Deus quis mantê-la oculta aos sábios para revelá-la aos humildes, sendo, portanto, uma verdade que, para ser adquirida, requer uma revolução interior, não de razão, mas de fé"[8].

Agostinho passa por essa revolução interior de fé. Ele, então, irá usar sua mente arguta para pensar o lugar que a razão deve ter na intelecção da realidade: "A inteligência é fruto da fé. Não procures, portanto, entender para crer, mas crê para entender; porque, se não crerdes, não entendereis"[9]. E também diz: "Deixa que a fé te purifique, a fim de que te seja concedido alcançar a plena inteligência"[10]. A razão precisa, portanto, ser iluminada pela fé para que possa ser bem utilizada. Agostinho não está dizendo que uma mente que não tem fé nas verdades cristãs não possa conhecer, mas que, muitas verdades, em especial aquelas que são superiores, necessitam de fé para serem alcançadas e conhecidas.

---

[3] Santo Agostinho, Confissões, Coleção Patrística, Vol. 10. (São Paulo: Paulus, 1997), 57, Edição do Kindle.
[4] Agostinho, Confissões, 132.
[5] Agostinho, Confissões, 81.
[6] Brown, Agostinho, 60.
[7] Brown, Agostinho, 125.
[8] Giovanni Reale e Darío Antiseri, História da Filosofia: patrística e escolástica, v.2. (São Paulo, SP: Paulus, 2003), 84.
[9] Santo Agostinho, Comentário ao Evangelho de João 29.6, citado em Reale e Antiseri, Filosofia, 104.
[10] Santo Agostinho, Comentário ao Evangelho de João 36.7. citado em Reale e Antiseri, Filosofia, 105.

1.2 *Fideísmo e Racionalismo*

Em sua obra Livre-arbítrio, fica bem clara sua posição quanto à relação entre a fé e a razão. Quando uma verdade é expressa na Bíblia, ela deve ser aceita, mesmo que não se tenha ainda as bases racionais para apoiá-la. "Tem coragem e conserva a fé naquilo que crês. Nada é mais recomendável do que crer, até no caso de estar oculta a razão de por que isso ser assim e não de outro modo"[11]. A razão deve seguir e acompanhar a fé, como se esta fosse para aquela um guia. Agostinho lembra a Evódio que primeiro é necessário compreender para então crer, mas que crendo, deve-se avançar para compreender. Assim ele resume: "Pois não se pode considerar como encontrado aquilo em que se acredita sem entender. E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender"[12].

Isso afasta qualquer ideia equivocada de que Agostinho tenha uma tendência para o fideísmo. Um mero fideísmo não passaria de irracionalismo. Assim sintetizam Reale e Antiseri:

> A fé não substitui nem elimina a inteligência; pelo contrário, como já acenamos, a fé estimula e promove a inteligência. A fé é um 'cogitare cum assensione', um modo de pensar assentindo; por isso, sem pensamento não haveria fé. E analogamente, por seu turno, a inteligência não elimina a fé, mas a fortalece e, de certo modo, a clarifica. Em suma: fé e razão são complementares.[13]

Em seu Sermão 118, Agostinho diz: "Você não consegue compreender? Creia e compreenderá, pois a fé precede a compreensão e, como disse o Profeta: 'Se não acreditares, não compreendereis'"[14]. De algum modo, o Deus que resiste ao soberbo pede para que o ser humano se humilhe diante de sua revelação e deposite sua fé, para que então as verdades superiores e elevadas lhe sejam abertas para compreensão.

Percebe-se que há, portanto, uma tentativa de evitar tanto um reducionismo racionalista quanto outro fideísta. O conflito entre fé e razão não teria qualquer lógica, pois ambas as faculdades têm o mesmo objetivo, que é conhecer a verdade. Tal complementação beira a confusão em certos momentos, onde parece que a relação fé e razão adentra num solipsismo sem fim, mas o Bispo de Hipona se esforça para não deixar a questão confusa. Para que se compreenda bem essa relação, é necessário entender o papel da autoridade para Agostinho.

---

[11] Santo Agostinho, O Livre-arbítrio, Coleção Patrística, vol. 8, (São Paulo, SP: Paulus, 2014), 23, Edição do Kindle.

[12] Agostinho, Livre-arbítrio, 69.

[13] Reale e Antiseri, Filosofia, 88.

[14] Santo Agostinho, Sermão 118. Traduzido de Œuvres complètes de Saint Augustin. (Niterói, RJ: Teodoro Editor, 2019). https://docplayer.com.br/230118250-Sermao-118-a-eternidade-do-verbo- de-deus-santo-agostinho.html. Vale ressaltar que tal uso de Isaías 7.9, com a expressão "Nisi credideritis, non intelligetis" só é possível se utilizando da LXX e é uma tradução equivocada. A própria Vulgata já se aproxima mais da ideia do hebraico, dizendo "Si non credideritis, non permanebis" (Se não acreditares, não permanecereis). Cf. Antônio Patativa de Sales. "A fórmula Nisi credideritis, non intelligetis, em Agostinho de Hipona", Civitas Augustiniana, 7 (2018) 9-29 ISSNe: 2182-7141, DOI: https://doi.org/10.21747/ civitas /72018a1.

2. Autoridade e razão

Em sua obra A Verdadeira Religião, Agostinho afirma que a autoridade "exige a fé e prepara o homem para a reflexão"[15]. A autoridade não caminha sem a razão, pois sempre que se debruça sobre a revelação de Deus, deve-se considerar e raciocinar sobre aquele em quem se crê. A autoridade também prepara a razão para que, baseando-se no que se apropriou pela fé, possa alcançar uma reflexão sobre realidades eternas e invisíveis. Deve-se ter o que ele chama de "crença esclarecida"[16] que crê para compreender. Em seu livro Contra os Acadêmicos, escrito pouco tempo após sua conversão, ele diz: "Todos sabem que somos levados à aprendizagem pelo duplo impulso de autoridade e da razão"[17]. Ele eleva a autoridade de Cristo, através das Escrituras, como sendo a mais confiável das fontes autoritativas. Contudo, há muitos outros assuntos que ele afirma requererem um profundo uso da razão; e quanto a isso ele diz: "desejo impacientemente compreender a verdade não só pela fé, mas também pela inteligência"[18]. Esse desejo irá acompanhá-lo ao longo de toda sua vida em cada reflexão, demonstrando a estreita ligação entre a fé na autoridade e a busca pelo conhecimento através da razão.

2.1 A posição elevada da razão humana

Na obra A Trindade, refletindo sobre tal doutrina complexa, o Doutor da Graça afirma que é possível, através da oração e do estudo, compreender cada vez mais o que se apreende pela fé[19]. Não seria possível, é claro, esgotar o assunto ou alcançar plenamente a realidade do Deus Triúno, mas a razão foi dada ao homem por Deus e pode alcançar verdades invisíveis. Ver com a razão o que se crê pela fé seria uma grande bênção possível ao cristão. Dalpra explica a questão e a torna mais fácil de ser compreendida:

> Crer para entender, entender para crer melhor. Contudo, a fé, para Agostinho, está em estreita relação com a autoridade da Igreja Católica fundamentada nas Escrituras. O que exige, por sua vez, uma etapa racional propedêutica que anteceda à fé capacitando o ser humano a receber o conteúdo das Escrituras. Por decorrência, a relação entre fé e razão dispõe, na formulação agostiniana, de três etapas: uma razão preparatória à fé; um ato de fé, que se consolida com a

---

[15] Santo Agostinho, A Verdadeira Religião | O Cuidado Devido aos Mortos, Coleção Patrística, vol. 19 (São Paulo: Paulus, 2014), 55, Edição do Kindle.

[16] Agostinho, Religião. 33

[17] Santo Agostinho, Contra os Acadêmicos, Coleção Patrística, vol. 24. (São Paulo, SP: Paulus, 2014), posição kindle 2104, Edição do Kindle.

[18] Agostinho, Acadêmicos, posição kindle 2104.

[19] Santo Agostinho. A Trindade, Coleção Patrística, vol. 7 (São Paulo, SP: Paulus). Edição do Kindle. 416. "Certamente, se com fé inquebrantável crerem nas santas Escrituras, como em testemunhas dignas de todo crédito, bem fariam que rezando, estudando e vivendo retamente, fizessem por entender, ou seja, na medida que se pode ver, vejam com a mente, o que é conservado pela fé." 415-6.

> intermediação da autoridade escriturística; e, por fim, uma razão que se volta à fé, quer dizer, uma inteligência do conteúdo da fé.[20]

Vê-se, portanto, que há espaço para a razão tanto antes quanto depois do uso da fé. Deste modo se compreende sua fala no livro *A Predestinação dos Santos*, onde ele escreve: "Quem não vê que primeiro é pensar e depois crer? Ninguém acredita em algo, se antes não pensa no que há de crer. [...] Pois, nem todo o que pensa, crê, havendo muitos que pensam, mas não creem; mas todo aquele que crê, pensa, e pensando crê e crê pensando"[21]. Agostinho argumenta a favor da graça de Deus que nos leva a pensar e ter fé na Verdade; e mostra que no próprio ato da fé é necessário haver pensamento e raciocínio anteriores. Há uma relação de interdependência entre fé e razão. Chacon sintetiza com maestria:

> A máxima proferida pelo bispo de Hipona "*intellege ut credas, crede ut intellegas*", deve ser, portanto, interpretada à luz da exigência que a circularidade fé e razão impõe, a saber: o reconhecimento da existência de uma capacidade cognitiva no ser humano que o permita compreender o anúncio da fé cristã; pois, do contrário, não seria possível sequer crer no *verbum Dei*.[22]

Observa-se na própria atitude de ensino do Bispo de Hipona essa dinâmica. Ao explicar o Credo para os bispos reunidos no Concílio Geral da África, em 393, o apresentou como um documento coerente e inteligível, mesmo que muitos ali fossem pessoas simples e não tivessem a educação e cultura que ele possuía. Ele mantinha a esperança de que uma inteligência dedicada e piedosa poderia compreender de maneira clara todos os pontos centrais da fé expressos no Credo. Diante dos membros de sua igreja, textos complicados eram apresentados de modo que até o mais simples pudesse compreender. Os textos bíblicos deveriam ser compreendidos e não apenas recitados. Brown coloca desta maneira: "Para sua congregação, ele era e continuou sendo o homem que sabia"[23].

2.2 Uma dialética positiva

Derrubando os frágeis alicerces do pensamento dos céticos, o Hiponense defende que é a própria fé que torna a razão confiável, uma vez que sem a crença em Deus, que criou a mente de tal modo a compreender a realidade, e que a ilumina para a verdade, não haveria nada que validasse

---

[20] Fábio C. Dalpra, "A Inteligência é a Recompensa da Fé: a conciliação entre fé e razão na teoria do conhecimento de Agostinho". Intuitio, v.2, nº3, novembro 2009, 130-148. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/intuitio/article/view/5972/4551.

[21] Santo Agostinho, A Graça (II), Coleção Patrística, vol. 13. (São Paulo, SP: Paulus, 2014), 97, Edição do Kindle.

[22] Daniel Ribeiro de Almeida Chacon, Fé e Razão a partir da Obra De Trinitate de Santo Agostinho. (Belo Horizonte, MG: FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2016). Disponível em: https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/05/201016-5n7x1Q25hms61.pdf. 56.

[23] Brown, Agostinho, 175.

o conhecimento de coisa alguma, e os céticos estariam certos em duvidar de tudo — assim como os proponentes da Nova Academia, em maior ou menor grau, se utilizavam da suspensão do juízo. Mas tal ceticismo não é crível, e para demonstrar isso Agostinho vai se utilizar do argumento do cogito, onde a própria dúvida comprova ao indivíduo que ele está vivo e pode chegar ao conhecimento da realidade ao seu redor[24].

Na perspectiva agostiniana, portanto, a fé e a razão são complementares e parecem estar numa dialética positiva que apenas eleva o conhecimento e a descoberta da verdade. Um bom resumo é oferecido por Ratzinger:

> Estas duas dimensões, fé e razão, não devem separar-se nem contrapor-se, mas devem estar sempre unidas. Como escreveu Agostinho após sua conversão, fé e razão são «as forças que nos levam a conhecer» (Contra Acadêmicos, III 20, 43). Neste sentido, continuam sendo famosas suas duas fórmulas (Sermões, 43, 9) com as quais expressa esta síntese coerente entre fé e razão: *crede ut intelligas* («crê para compreender») – crer abre o caminho para cruzar a porta da verdade –, mas também e de maneira inseparável, *intellige ut credas* («compreende para crer»), perscrutar a verdade para poder encontrar a Deus e crer.[25]

Agostinho ensina que a contraposição deve dar lugar a uma síntese coerente. Fé e razão não lutam para conquistar um espaço de primazia, mas ambas as capacidades foram concedidas ao homem por Deus e devem guiá-lo para a verdade. Crer para compreender, portanto, pois a fé abre a compreensão para a verdade e para o que é superior; e compreender para crer, pois sem o intelecto nem mesmo a fé seria possível, pois esta mesma precisa de um entendimento mínimo do objeto que se contempla para que possa crer. Se razão sem fé é arrogância e presunção de filósofos que não se dobram diante da autoridade de Deus e de sua Igreja; fé sem razão é a negação da imagem de Deus no ser humano, que concede a racionalidade para que o homem se desenvolva e compreenda aquelas verdades aceitas pela fé.

Considerações finais

O pensamento agostiniano forma uma base bíblica e sólida que não tende nem para o racionalismo e nem para o fideísmo. A pintura Santo Agostinho[26], de Philippe de Champaigne, que retrata o Doutor da Graça com seu coração em chamas tendo a mente iluminada pela verdade é, realmente, uma descrição acertada da postura agostiniana diante do conhecimento, adequada àquele

---

[24] Cf. Mariana P. Sérvulo da Cunha, "Santo Agostinho: Fé e Razão na Busca da Verdade". Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, Ano 44, Nº 124, Set/Dez 2012, 422-424. Disponível em: https://faje.edu.br/periodicos/index.php/ perspectiva/article/view/2896/3041.

[25] Joseph A. Ratzinger, Fé e razão em Santo Agostinho de Hipona. Trad. Élison Santos. Vaticano, 30 jan. 2008. Disponível em: https://pt.zenit.org/articles/bento-xvi-fe-e-razao-em-santo-agostinho-de-hipona/.

[26] Philippe de Champaigne, "Saint Augustine". Aprox. 1645-1650. Disponível em: https://denise ludwig.blogspot.com/2013/08/arte-em-pinturas-de-santo-agostinho.html.

que nos confiou ótimas reflexões sobre a fé e a razão. O cristão, segundo Agostinho, é aquele que se dobra diante da autoridade da Palavra de Deus, com humildade e fé; mas também é aquele que busca conhecer a Deus e as verdades da fé se utilizando das falculdades da mente, com fidelidade e esforço. Em Agostinho, fé e razão se abraçam e oferecem a teólogos e filósofos cristãos um esteio firme para o conhecimento.

O artigo foi recebido em: 04/02/2024 e aprovado em: 10/06/2024.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Patrística - A Graça (II)* - Vol. 13. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - A verdadeira religião | O cuidado devido aos mortos* - Vol. 19. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - A Trindade* - Vol. 7. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - Confissões* - Vol. 10. São Paulo, SP: Paulus Editora, 1997. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - Contra os Acadêmicos* - Vol. 24. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - O livre-arbítrio* - Vol. 8. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Sermão 118*. Niterói, RJ: Teodoro Editor, 2019. https://docplayer.com.br/2301 18250-Sermao-118-a-eternidade-do-verbo-de-deus-santo-agostinho.html

BROWN, Peter. Santo *Agostinho: uma biografia* - 10. ed. - Rio de Janeiro, RJ: Record, 2017.

CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida. *Fé e Razão a Partir da Obra De Trinitate de Santo Agostinho*. Belo Horizonte, MG: FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2016.

CHAMPAIGNE, Philippe de. "Saint Augustine". Aprox. 1645-1650. https://deniseludwig.blogspot. com/2013/08/arte-em-pinturas-de-santo-agostinho.html

DALPRA, Fábio C. *"A Inteligência é a Recompensa da Fé": a conciliação entre fé e razão na teoria do conhecimento de Agostinho*. Artigo. Intuitio, Porto Alegre, RS: v.2, nº3, novembro 2009. pp.130-148.

SALES, Antônio Patativa de. *A fórmula Nisi credideritis, non intelligetis, em Agostinho de Hipona*. Civitas Augustiniana 7, 9-29, 2018. ISSNe: 2182-7141 DOI: https://doi.org/10.21747/ civitas/72018a1

RATZINGER, Joseph A. *Fé e razão em Santo Agostinho de Hipona*. Trad. Élison Santos. Vaticano, 30 jan. 2008.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Darío. *História da Filosofia: patrística e escolástica*, v.2. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

CUNHA, Mariana P Servulo da. *Santo Agostinho: Fé e Razão na Busca da Verdade*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, MG: Ano 44, Nº 124, Set/Dez 2012, pp. 422-424.

RESENHA

EDWARDS, Jonathan. **Uma história da obra da redenção**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2024. ISSN 2965-5234

Já era inaugurado o ano de 1739 quando Jonathan Edwards iniciou uma série de sermões que tinha por finalidade a exposição bíblica da obra da redenção. Posteriormente ele iria dedicar boa parte de seu tempo a fim de transformar suas homilias em uma obra mais robusta com a finalidade de publicá-las. Infelizmente seu falecimento prematuro não tornou possível a concretização de seu empreendimento. Mas, não demorou muito para que um amigo de Edwards concretizasse seus planos publicando a obra que está em nossas mãos para análise.

O *Discurso da redenção*[1] é uma obra fundamentada no conceito da metanarrativa, i.e., por trás de uma narrativa existe uma narrativa maior, anterior a ela, que fundamenta e organiza suas estruturas textuais. Aplicando aos termos sugeridos por ele, por trás de toda a narrativa bíblica existe uma narrativa maior que fundamenta e tece toda sua trama hermenêutica: o discurso, a história, ou ainda melhor, a narrativa da redenção. Com a proposta de abranger toda a Escritura Edwards construiu com muita destreza aquilo que denominamos popularmente de Teologia Bíblica. Uma abordagem teológica concisa que tem como fundamento analisar toda a Escritura através da história da redenção. Não foi em vão que tal obra seria publicada com o tema: *Uma história da obra da redenção*. Era seu objetivo fundamental narrar a história da obra da redenção segundo as Escrituras nos revelam.

Para isso ele divide sua obra em três grandes períodos: 1- Da queda até a encarnação; 2- Da encarnação de Cristo até a sua ressurreição; 3- Da ressurreição de Cristo até o fim do mundo. A nível de ilustração traço a seguir um resumo bem simplista de sua abordagem manifesta nas primeiras páginas do livro: A mediação de Cristo no episódio da queda, uma vez que não a misericórdia estendida a humanidade sem a ação mediadora de Cristo; o *proto* evangelho (Gn 3.15) como revelação e instituição do sacrifício; o tríplice oficio de Cristo revelado logo após a queda: assumindo a obra de mediador entre Deus e o homem ele toma para si o ofício de Rei, assim como nos sacrifícios ele exercia seu ofício de sacerdote e na primeira promessa de redenção ele aparece como profeta; Abel aparece como caso de redenção, o primeiro registro da morte de uma pessoa redimida; Enos como a representação do derramar do Espírito Santo; a vida de Enoque como símbolo de santificação, promessa da volta de Cristo e restauração do corpo.

[1] Nome original da obra segundo nos esclarece Franklin Ferreira na apresentação desta edição.

Alicerçado por esta abordagem argumentativa que percorre todo seu estudo, evidente que traços de sua teologia brotam ao longo do texto, como por exemplo: a defesa de que a Igreja é algo existente desde Gn 3.15, a conversão de Constantino como um exemplo da manifestação do Reino de Deus, o movimento católico romano com sua ênfase papal como símbolo genuíno do anticristo e sua visão otimista da história que redunda em sua posição escatológica que posteriormente seria denominada de pós-milenismo.

Dotado de uma linguagem acessível o texto é redigido sobre conceitos numerados que facilitam explorar e condensar seu conteúdo. Uma das maiores contribuições impressas por Jonathan Edwards nesta obra é seu desejo de tornar pulsante no coração de cada cristão a vivência da obra da redenção, é o convite para que o leitor deixe-se envolver pelo enredo da redenção que se estende ao longo de toda a Escritura. Ser conduzido pela esperança manifesta no plano divino de um Deus que começou a agir no início da história da humanidade, e como ele continuou administrando seu plano no decorrer da história, e como ele concluirá sua obra até o fim dos tempos. Trata-se de uma abordagem teológica que ressalta a consistência, ordem e beleza das obras da providência de Deus revelando sua majestade e poder. Suas últimas impressões são registradas de forma doxológica onde encontramos a seguinte frase como conteúdo final: *"As nossas reflexões aqui nos levam a considerar a felicidade da comunidade de Cristo, pois toda essa obra da redenção é para eles" (pg. 265).*

Dr. Sérgio Cesar Prates de Almeida

RESENHA

GOLDSWORTHY, Graeme. **Pregando toda a Bíblia como escritura cristã**. São Paulo: Fiel, 2013. ISSN 2965-5234

No auge dos seus 88 anos, sendo mais de 60 deles dedicados integralmente ao sagrado ministério, Graeme Goldsworthy certamente se destaca como um dos maiores teólogos bíblicos modernos. Com mestrado (MA) pela Universidade de Cambridge e doutorado (PhD) pela *Union Theological Seminary*, tem mais de quinze obras publicadas, das quais se destaca a trilogia do evangelho (*Gospel and Kingdom, Gospel and Wisdom, and The Gospel in Revelation*) e "Pregando toda a Bíblia como escritura cristã", publicado originalmente em inglês em 2000, e objeto de estudo desta resenha.

Em suas mais de 300 páginas, o autor se dedica integralmente a tarefa de relacionar três áreas distintas da Teologia: a Hermenêutica, a Homilética e a Teologia Bíblica (TB) (p.30). Sua tese central é que "*Nenhuma passagem bíblica produz seu verdadeiro significado sem referência a Jesus Cristo, em seu evangelho*" (p. 200). Embora o texto seja dividido em 21 capítulos, em cada um ele não hesita em defender sua proposição inicial, garantindo o alcance de seu objetivo.

Tal argumentação é tão intensa que nem mesmo se faz necessário uma leitura muito acurada para se perceber os vieses teológicos do Goldsworthy, que: no que diz respeito à ciência interpretativa, é um notório adepto da abordagem Histórico-Redentiva, do imortal Geerhardus Vos (p.242); na práxis querigmática, é um defensor da Pregação Expositiva, não apenas como um "sentimento" ou a estrutura do sermão escrito, mas como um método de abordagem e explanação do texto revelado (p.196); no estudo da revelação (TB), embora não haja uma afirmação tão explicita quanto os outros, pode-se dizer com certa segurança que ele pressupõe Cristo como o MITTE (p.47), posto que diferente de Kaiser, Wright e Van Groningen, suas referências à Promessa, à Missão e ao Reino, respectivamente, são deveras escassas.

Desta análise prévia, duas curiosidades podem ser destacadas: 1. Embora seja anglicano, as convicções doutrinárias do professor estão imensamente alinhadas com o que se convencionou chamar de "Fé Reformada"; 2. Destacam-se as similaridades argumentativas do autor com as do Bryan Champell, que escreveu "Pregação Cristocêntrica", e embora um não referencie o outro, ambos bebem da mesma fonte: Sidney Greidanus e, o já citado, Geerhardus Vos.

Munidos destes pressupostos, é possível traçar um panorama sintetizado do livro, que está dividido em 3 sessões: uma preliminar, que inclui a Introdução e o Capítulo 1, a teórica, que

contempla toda primeira parte do livro (p.45-216), e a prática, que abrange todo o restante. Tendo isto em mente, abre-se o caminho para um breve aprofundamento.

Nos dois capítulos iniciais, Goldsworthy busca primeiramente estabelecer as problemáticas que irá confrontar, a saber: a ausência de uma cristologia consistente nos sermões modernos, que traz "um pouquinho de Jesus", quase sempre moralizado ou alegorizado; a descontinuidade radical entre AT e NT, que faz com que muitos preguem passagens veterotestamentárias sem levar em consideração o Evangelho, e ao mesmo tempo a total ausência de descontinuidade entre o NT e o cristão moderno, que induz ao erro das correlações imediatas, como se o "evento evangélico", por exemplo, fosse algo replicável. A solução para estas problemáticas consiste na adoção de uma Teologia Bíblica profunda e eficaz, que esteja na mente do homileta quando ele se aproximar do texto, no sermão quando for preparado, e no púlpito da igreja, quando for exposto.

Para desenvolver esta argumentação, o autor se utiliza dos nove capítulos seguintes, onde discute questões teóricas relevantes, a partir de perguntas (algumas profundas, como a 5 – Jesus era um teólogo bíblico? – e outras bem óbvias, como a 9 – Posso pregar um sermão sem mencionar Cristo?). Nesta sessão ele aborda: a Bíblia como Palavra de Deus revelada e escrita (p.54), e toda ela como contexto necessário ao correto entendimento de qualquer texto (p.51); a pregação expositiva como um método de abordagem do texto (p.196), que não se conflita com a teologia bíblica, mas depende dela para interpretação correta dos tipos e sombras do passado, de modo que aponte para Cristo, e Ele como resposta final de toda esta questão.

O problema que surge durante a primeira parte do livro, é "Como colocar em prática estas instruções?" Muitas parecem demasiadamente teóricas ou inaplicáveis, e é para isso que a segunda sessão (p. 216-389) existe: o Dr. Graeme pega o leitor pela mão, e passeia por cada gênero literário da Escritura, e vai demonstrando como suas teses podem ser correta e facilmente aplicadas em cada um (isso se torna ainda mais fácil, graças aos gráficos do cap. 8). A maior preocupação dele nem é com a hermenêutica em si – embora também seja – mas com as aplicações, que tendem a ser moralistas, legalistas ou reducionistas. A solução do autor é intermediar tudo por Cristo, passando cada apontamento por Ele e pela graça, antes de chegar ao ouvinte final. Assim, o livro caminha para seu fim, não com uma Conclusão, mas com um curioso capítulo no qual o usufruto de um gênero literário no sermão não é abordado, mas a própria Teologia Bíblica. Vários cenários são suscitados, e até mesmo sermões são apresentados, então conceitos e recomendações hermenêuticas são dadas, e com isso a obra simplesmente se encerra. A tese aqui é que pode-se pregar expositivamente qualquer tema da Escritura a partir de uma teologia bíblica da mesma, e para isso ele deve atentar para como eles são introduzidos na Época Histórica, como é abordado

na Escatologia Profética e como encontra seu cumprimento final na pessoa e no ministério de Cristo. A importância da tipologia, tão falada no cap.6, agora ganha tons mais ortopráticos. Ora, todas as teses apresentadas ao longo da obra demonstram-se como válidas, extremamente embasadas, e biblicamente coerentes. Parece correto e seguro afirmar que "o mediador entre Deus e os homens", não medie apenas a salvação, mas também a revelação, e até mesmo suas aplicações para os santos. Não obstante, princípios morais podem ser extraídos das narrativas e dos provérbios aforísticos, e não há mal nisso, de modo que talvez o Dr. vá muito longe na problematização tão categórica desta ação. Notadamente sua ênfase se dá como fruto de uma preocupação com a moralização demasiada das Escrituras, com o esvaziamento do evangelho, e com a falsa equivalência (quando o ouvinte e o personagem bíblico são postas lado a lado, como iguais). A reposta para um extremo, contudo, não pode ser outro, ademais, guardadas as devidas proporções, também é possível certa medida de justaposição. Isso tudo é, como Goldsworthy coloca, controverso.

Ademais, se há algo no qual o autor peca, é a repetição, que pode cansar um pouco o leitor, mas faz parte do método pedagógico adotado por ele. Em suma, "Pregando toda a Bíblia como escritura cristã" se destaca por sua riqueza e clareza, tornando-se um livro essencial tanto para homiletas, quanto para hermeneutas e teólogos bíblicos.

Me. Guilherme Alves da Silva

RESENHA

WEBSTER, John. **Santidade**. São José dos Campos, São Paulo: Editora Fiel, 2021. ISSN 2965-5234.

O que é teologia? Seria mero conhecimento cognitivo sobre a pessoa de Deus? John Webster não pensa assim, ele observa teologia como um meio de comunhão intelectual com Deus, uma verdadeira consequência da manifestação da presença salvadora de Deus em sua igreja. Além disso, para ele, todas as doutrinas teológicas são derivadas da doutrina da trindade, onde Deus é o seu objeto formal e a raiz de toda teologia[1]. Sua obra *santidade* não foge desse padrão e deve ser vista nesse diretório complexo cujo objetivo é a pessoa de Deus e todas as demais coisas em relação a Ele. É um livro denso, muito profundo e reflexivo, como todo ensaio desse relevante teólogo.

Essa Obra é uma "dogmática trinitária da santidade" (p. 9), isso significa que o autor busca o conceito de santidade focando em Deus e, a partir disso, versa sobre seus derivados- a santidade da igreja e a santidade dos homens. O grande diferencial e foco desta obra trinitária é o reconhecimento da santidade divina em dois aspectos: de um lado o Deus trino, em si, é santo, por outro lado, Ele é santo na igreja, ou seja, "sua santidade é um modo de relação com as criaturas que Ele santifica" (p. 14). Assim, não se pode pensar sobre a santidade divina abstraída da percepção de que essa é um conceito relacionado ao seu ser, e é ao mesmo tempo um atributo relacional e comunicativo.

A linha argumentativa do autor começa enfatizando como elaborar uma teologia da santidade, para depois falar sobre a santidade de Deus e seus derivados. No primeiro capítulo ele está preocupado em mostrar como produzir teologia e o papel da razão. Para ele a Dogmática não pode ser vista como algo sem vida, mas como uma atividade de deleite e louvor a seu Criador, trazendo as realidades do evangelho ao campo da comunhão intelectual, onde a teologia é um aspecto da santificação da razão pela presença reveladora de Deus. Para ele "o próprio pensar teológico sobre a santidade já é um exercício de santidade" (p. 18). Webster, ao contrário dos influenciados pelo iluminismo, demonstra que a razão é caída e a elaboração da teologia da santidade é um dos aspectos redentores e santificadores da razão, ou seja, a teologia é tanto um exercício da razão santificada quanto seu agente santificador, tendo como "contexto e conteúdo a presença reveladora da santa Trindade" (p. 16). Neste âmbito, a revelação é definida como a auto

[1] Webster argumenta claramente sobre isso em seu artigo "The Place of Christology in Systematic Theology". Disponível em: Webster, John. *Good without measure: volume I*. New York, USA: BloomsburyT&T Clark, 2016. Pg: 43-59.

representação da trindade, sendo seu conteúdo a realidade de Deus e seu estudo o estabelecimento de uma comunhão salvadora com sua Criatura, "em suma, revelação é reconciliação (...) é o próprio estabelecimento da comunhão" (p. 24). Como a teologia está voltada para a revelação, ela deve ser vista como baluarte exclusivo da igreja e meio de comunhão racional com Deus para o louvor de seu nome. A produção teológica é parte da mortificação e regeneração advinda de Deus, um verdadeiro ato relacional coma Trindade e a partir dela, e por isso, só pode ser feita em oração e serve a comunidade dos santos.

Webster lembra que a santidade divina apresentada no Antigo Testamento é revelada por meio dos atos criadores e redentores de Deus, onde ele "expande seu ser a nós" (p. 30). Destarte, a teologia da santidade busca seu conhecimento nos santos atos reveladores da santíssima Trindade através das Sagradas Escrituras. Dado a impossibilidade de separação entre as procissões internas de Deus e sua economia, a razão por meio do Espírito contempla a santidade de Deus em suas obras para o louvor e santificação de seu santo nome- esse é o objetivo da teologia.

No segundo capítulo, seu foco é demonstrar que a santidade deve ser definida a partir da trindade e não pode ser desconectada da presença e ação divina pessoal, onde cada pessoa do Deus trino se dá a conhecer na obra de redenção do evangelho. Nesse sentido, a santidade de Deus é vista no cumprimento daquilo que Ele mesmo determinou. Com isso o autor não está colocando Deus como um tipo de refém de seu querer, mas reconhecendo que, como agente livre, na simplicidade divina, as atitudes de Deus são a expansão de seu ser. Assim, a santidade do Pai é manifesta na eleição; a do Filho na redenção; a do Espírito na santificação (p. 73-74). Para o autor, Deus é santo em seu ser e em suas ações, pois ambas as coisas são intimamente relacionadas. A santidade de Deus, assim como todos os seus atributos, é idêntica a "essência de Deus, mas sua essência é seu ser e agir como Pai, Filho e Espírito Santo" (p. 46). Esse é o motivo para concluir que a obra divina na criação e redenção é a manifestação desse seu atributo. De acordo com o autor, o estudo da santidade do divino é uma espécie de "ontoteologia" que mostra "quem é Deus" (não "o que é Deus") através de uma "representação conceitual das obras e dos caminhos da santíssima Trindade" (p. 47).

Segundo Webster, o nome de Deus é a promulgação de sua identidade, onde Deus é aquele que é (totalmente absoluto e separado da criação). Além disso, para ele, a dogmática de cada um dos atributos de Deus é a representação de seu santo nome em determinado aspecto, por conseguinte, devemos dizer que Deus é simples. Não é difícil perceber que o diferencial desse capítulo é demonstrar que a construção teológica da santidade divina é uma indicação do nome de Deus, um verdadeiro predicado se seu ser pessoal e um derivado da observação do Deus trino que se direciona a suas criaturas. A teologia deve, então, considerar que o Deus triplamente santo e

transcendente vive entre nós e se relaciona conosco. É comum, teologicamente, identificar o termo santidade como estar separado e a santidade de Deus como sua absoluta transcendência. Webster não está combatendo isso, no entanto, lembrando que o absoluto e separado vive entre nós e não há como separar o ser de Deus de suas obras, "Ele é aquilo que ele faz" (57). Nessa linha, se a santidade de Deus é aquilo que Deus efetivamente é, ela não só indicará sua transcendência, como também será "a sua majestade em relação" (p. 58), um conceito intimamente vinculado a comunhão, pois, não haverá como separá-la de sua economia (isto é, a manifestação de amor no evangelho). Por isso o autor conclui que falar da santidade de Deus "identifica a maneira de sua relação conosco" (p. 59). A santidade, por ser relacional, está também profundamente vinculada a Aliança. Um estudo profundo sobre a santidade precisa considerar que aquele que é santo e, consequentemente, separado da maldade, habita com a humanidade e redime seu povo através da aliança, e isso precisa ser observado como parte de sua santidade. A santidade de Deus se caracteriza na sua presença para salvar.

O terceiro capítulo é voltado para a santidade da igreja. O autor visa demonstrar que a igreja se torna santa por causa do zelo de Deus por seu próprio nome. Deus demonstra a sua santidade e santifica seu nome santificando a igreja, que promulga seus atos e louva seu Senhor. Sua argumentação começa mostrando que a igreja é um *corpus* formado pela eleição e sua santidade é de caráter infundido, por meio da graça e da ação do Espírito. Para ele a santidade da igreja tem suas raízes na misericórdia da trindade que elege e reconcilia um povo para se tornar "parceiro da aliança de Deus e local da comunhão dos santos" (p. 80). A linha de raciocínio do autor é a seguinte: a santidade da igreja é um resultado das ações divinas e estas são indissociáveis da santidade de Deus. Por conseguinte, o nascimento da santidade da igreja está enraizado neste atributo do Senhor. Isso não significa que Deus seja apenas a causa inicial e final da igreja, contudo que "A igreja é porque Deus é. A igreja é santa porque Deus é santo" (p. 81). A graça envolvida aqui não é simplesmente a doação de um produto, e sim um movimento de relação entre Criador e criatura, e por causa da presença e ação da trindade na igreja a santidade da segunda aparece. Uma leitura bem acurada desse capítulo leva a percepção de que a santidade da igreja é uma consequência de Deus ser quem ele é no meio de seus eleitos. Nessa relação, a igreja, ontologicamente, é um apontador de sua origem, e a santidade da igreja é manifestada ao se voltar para uma relação com seu criador, testemunhando seus feitos e louvando seu santo nome. A santidade da igreja não é uma moralidade nua e crua, mas uma vida de comunhão com seu Senhor.

Para ele a ontologia da santidade da igreja, muito além de meros atributos morais, é a confissão ou reconhecimento de que Deus é o Senhor. Tal confissão não tem sua origem na vontade humana, contudo, na manifestação da presença de Deus como santo em seu povo. A

santidade da igreja se torna visível ao mundo na prática dos mandamentos- esses são um resultado, não um meio. Além disso, a ausência de seu perfeito cumprimento levanta a necessidade do arrependimento constante. Todo esse resultado está profundamente conectado a testemunhar o nome de Deus e a louvá-lo como Senhor. Para ele, a verdadeira oposição ao pecado realizada pela igreja é entronizar a Deus e louvá-lo para sempre. Portanto, é fácil perceber que a santidade da igreja é uma consequência da livre e transbordante santidade divina que se expande até a igreja e a direciona para adoração.

No quarto capítulo o autor visa demonstrar que a santidade do cristão é a economia da trindade que leva o pecador regenerado a um relacionamento de comunhão com Deus. Para Webster, a santidade do cristão não é uma tentativa de dar a Deus uma oferta de gratidão pela salvação, ao contrário, é um resultado da eleição divina, e as atitudes de gratidão uma consequência desta, onde o homem fica totalmente consagrado para servir a seu Senhor e se relacionar com ele. A santidade está profundamente vinculada a fé e resulta na negação da busca de ser Deus para si mesmo. Sendo mortificado o homem sente horror ao pecado e volta-se, em liberdade, obediência e amor para aquele que a tudo criou, marcando a restauração da comunhão da aliança e a orientação à obediência das leis de Deus, o que decerto, é a verdadeira liberdade e a "forma de vida que Deus ordena aos eleitos" (p. 126). Para o autor, a lei é um tutor que marca o caminho da santidade ao apontar para o caráter de Deus.

A santidade do homem está fundamentada no perdão e reconciliação ocorridos por determinação da trindade, em que o Pai envia o Filho que salva os pecadores e expede o Espírito santificador. É uma obra trinitária para a Trindade. O homem é um agente recebedor, apesar de não ser um agente passivo; porém, até sua fé e prática de boas obras são um resultado da economia divina como um todo. Ser santo é ser totalmente consagrado a Deus em Jesus, através do Espírito que realiza a santificação e promove a comunhão e o relacionamento entre a criatura e criador, além de promover a comunhão em amor com outros homens. Isso é a vida, a saber, "a santidade ativa na companhia do Deus santo" (p. 118). Santificação é a criatura liberta do pecado e impulsionada as boas obras, pela fé, poder desfrutar de seu Senhor desde agora e para todo sempre, amém!

Me. Gabriel Leoncio Corrêa

RESENHA

ASH, Christopher. **Casados para Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2024. ISSN 2965-5234

Casados para Deus, escrito por Christopher Ash, teólogo e matemático, é uma obra que aborda o propósito divino do casamento. Ash, conhecido por seu trabalho com o livro de Salmos, é casado, pai de quatro filhos e avô de nove netos. O livro, composto por oito capítulos, destina-se a solteiros, casados, viúvos, divorciados e celibatários, ressaltando que o casamento começa e termina com Deus. Cada capítulo finaliza com perguntas para discussão, tornando-o ideal para estudos de casais e aconselhamento cristão.

A premissa central do livro é que o casamento possui três propósitos principais: filhos, relacionamento e ordem pública. Ash argumenta que Deus criou o mundo de forma ordenada, não apenas cientificamente, mas moralmente, e que o que é melhor para nós é aquilo que Deus deseja para nós. Ele enfatiza que Deus criou a humanidade como homem e mulher, e que a guerra entre os sexos frequentemente resulta de frustrações e expectativas não atendidas. O autor destaca que o segredo de um bom casamento é buscar a honra de Deus, pois o amor ao próximo é uma extensão do amor a Deus.

No que diz respeito ao sexo dentro do casamento, Ash destaca sua importância, visto como um ato de graça e segurança, em contraste com o sexo fora do casamento, que está sob constante julgamento e ansiedade. Ele também aborda a inatividade sexual dentro do casamento, muitas vezes negligenciada pelos cristãos, e recomenda buscar ajuda quando necessário.

O papel do homem e da mulher no casamento é outro ponto central da obra. Ash critica os extremos de uma mulher mandona ou subserviente e de um homem tirânico ou abdicador. O marido deve liderar com amor, serviço e cuidado, enquanto a mulher deve ser uma parceira ajudadora. Ele também discute a importância dos filhos como uma bênção, apesar dos desafios que trazem. Ash considera um pecado deliberado a decisão de não ter filhos sem uma razão médica, afirmando que os filhos nos desafiam a sair de nossa zona de conforto e a depender da graça de Deus.

Para os casais que desejam filhos, mas não podem tê-los, Ash reconhece a dor intensa dessa situação. Ele sugere que esses casais se concentrem em servir a Deus de outras maneiras, como através da hospitalidade e do serviço cristão. Além disso, ele enfatiza que Jesus e Paulo são exemplos para solteiros, e que a igreja deve ser um lugar de inclusão. Ash explica que o dom do celibato é viver contente na condição em que Deus colocou a pessoa, seja casada ou solteira.

Por fim, Ash aborda a importância da fidelidade no casamento. Ele afirma que Deus é testemunha da aliança do casamento e punirá sua quebra. Aqueles que cometeram adultério devem se arrepender e buscar perdão em Deus. O livro destaca que o pecado sexual não é imperdoável e que o Evangelho oferece cura e perdão.

O livro termina com um convite para o homem e a mulher machucados com erros e mágoas e para os solteiros: o noivo virá buscar a sua noiva para um relacionamento eterno, seguro e perfeito, onde todas as expectativas de felicidade plena serão satisfeitas e todas as feridas abertas serão curadas por aquele que carrega as poderosas cicatrizes de seu amor por nós.

Por fim, *Casados para Deus* é um livro de conteúdo cristocêntrico, objetivo e útil para casados e solteiros que desejam viver à serviço de Deus no mundo.

Me. Karoline Evangelista Paz

Idealização:

betel brasileiro CETEMIBB | Centro de Educação Teológica e Missiológica

Apoio:

Betel publicações